

## ERNST BLOCH E O SENTIDO DA UTOPIA

Lucas Maia<sup>1</sup>

Ernst Bloch é o teórico da utopia, embora seja errôneo reduzir seu pensamento a isto, mas é exatamente este o fio condutor de toda a sua obra. Utopia para ele não tem o sentido vulgar de ideias irrealizáveis, sonhos ingênuos, pensamentos quixotescos. Utopia é um dado da realidade. Existe uma tendência no real que mira para o que ainda-não-veio-a-ser. O pensamento que o apreende é utopicamente constituído.

Esta é uma dimensão, já observada também por Albornoz (2006) e Bicca (1987, 1997), ontológica do pensamento de Bloch<sup>2</sup>. Sua ontologia funda-se exatamente neste ponto: há um dado do real que ainda-não-existe. Este ainda-não é instituinte de seu pensamento. Ele não se contenta em discutir somente o que já ocorreu ou o que está em processo. Para ele, isto que ainda está em processo tende para algo que ainda-não aconteceu.

Esta dimensão ontológica do ser (natureza, sociedade, indivíduo, pensamento etc.) é constituinte do real. O que é, é também prenhe do que ainda-não-é, ou seja, que pode vir-a-ser. Este movimento de mudança, de tendência para o novo que está presente na natureza (*natura naturans*) (BLOCH, 1984), no indivíduo, na sociedade e na produção cultural (BLOCH, 2005; 2006a; 2006b) tem também seu correlato na dimensão ética. Assim, a ontologia de Bloch desemboca numa ética, uma “ética da transformação” (ALBORNOS, 2006).

---

<sup>1</sup> Professor do Instituto Federal de Goiás. Autor de *Leitura Epistêmica de O Capital; Comunismo de Conselhos e Autogestão Social* entre outros. Email: [maislucas@gmail.com](mailto:maislucas@gmail.com).

<sup>2</sup> “Dever-se-á, portanto, tomar conhecimento do antecipatório com base em uma *ontologia do ainda-não*” (BLOCH, 2005, p. 23) (grifos meus). Isto é, paradoxalmente, uma linha de fraqueza em seu pensamento, pois Bloch substitui regularmente a análise concreta dos processos reais por esta ontologia. Basta observar, por exemplo, a ausência de análises concretas dos inúmeros movimentos revolucionários do século XX. E não seriam estes a confirmação prática de sua filosofia? Contudo, ele poucas páginas dedica a isto.

É justamente esta dimensão ética de seu pensamento que vai culminar em sua teoria da utopia. Sua utopia é uma ética da transformação. Bloch realiza no seu monumental *O Princípio Esperança* (BLOCH, 2005; 2006a; 2006b) uma pesquisa ampla e profunda, visando descobrir as formas (geográficas, médicas, arquitetônicas, técnicas, sociais, literárias) de aparecimento da utopia. Não entraremos aqui em pormenores sobre estas questões, o que nos levaria para bem longe de nosso intento inicial que é investigar o sentido geral de seu pensamento, tendo como norte sua teoria da utopia.

Assim, o ponto de partida de Bloch é esta ontologia segundo a qual o real é constituído também e, fundamentalmente, por um ainda-não. No que toca à vida humana, ao indivíduo, à sociedade, o que está colocado é que o existente é insuficiente, ruim, insuportável. Esta realidade torna o ser humano insatisfeito. Esta insatisfação demanda certa correção, melhora, mudança. Reside aí o nexo fundamental de todas as utopias já escritas. O que existe é parco, ruim, incompleto. Existe também uma tendência de transformação (algo instituinte do real). A utopia é exatamente esta mudança realizada ainda no âmbito do pensamento. Este se adianta e realiza a melhora do mundo, sem que o mundo ainda tenha melhorado concretamente. Isto é a utopia. Para Bloch, portanto, onde houver alguém que sofre, que não se realiza, ali estará alguma chama de pensamento utópico.

Bloch distingue utopia abstrata de utopia concreta. As utopias abstratas são aquelas formas de manifestação do pensamento utópico que almejam outra coisa, outro mundo, outra realidade, mas são demasiado vagas em seus termos, são imaturas na compreensão do real existente, não entendem adequadamente a latência presente no mundo que tende para o novo. Uma utopia abstrata até descreve um mundo melhor, mas não compreende o movimento da realidade que pode realizá-lo. O que é comumente chamado “socialismo utópico”, seguindo as

críticas que Marx e Engels (2002) realizaram ao pensamento socialista de sua época, pode ser classificado como este tipo de utopia<sup>3</sup>.

Segundo Bloch, o pensamento utópico foi abstrato até a constituição do marxismo. Seria a obra de Marx o pontapé inicial para a conformação do que ele denomina de utopia concreta. Segundo afirma:

*O saber marxista significa que os difíceis processos de ascensão se desenvolvem tanto no conceito quanto na práxis. Na problemática do novum reside a abundância de campos do saber ainda inabitados. Nela, a sabedoria do mundo torna-se novamente jovem e originária. Se o ser se compreende a partir do seu de-onde, então ele se compreende, a partir daí, apenas como um para-onde igualmente tendencial, ainda inconcluso. O ser que condiciona a consciência, assim como a consciência que trabalha o ser, compreendem-se em última instância somente a partir de onde e para onde tendem. A essência não é o que foi, ao contrário: a essência mesma do mundo situa-se na linha de frente (BLOCH, 2005, p. 28) (grifos meus).*

Esta citação apresenta a radicalidade de seu pensamento, se comparado com a filosofia e ciência de outras orientações. A essência da realidade e do pensamento que a apreende não se situa para trás, mas, pelo contrário, no devir. O marxismo (Bloch se restringe ao pensamento de Marx) é a forma de saber que compreende corretamente esta característica da realidade. Por isto, a qualificação da obra do fundador do marxismo como sendo utopia concreta. Esta forma de manifestação do pensamento utópico, além de almejar, desejar o novo, a melhora do mundo, também conhece o próprio movimento e dinâmica da realidade que pode levar à consecução desta nova vida. Para Bloch, a riqueza do pensamento de Marx consiste exatamente em dedicar a maior parte de suas discussões não à descrição do mundo novo, mas sim, de analisar criticamente a realidade existente.

Marx investiu mais de nove décimos de seus escritos na análise crítica do agora, abrindo relativamente pouco espaço para adjetivações do futuro. Por esse motivo, Marx deu à sua obra, como se observou com razão, o nome de *O Capital*, e não, por exemplo, de *Convocação Para o Socialismo* (BLOCH, 2006a, p. 175).

---

<sup>3</sup> Uma síntese dos inúmeros socialismos utópicos ao longo da história é realizada por Petitfils (s/d), além, obviamente, de todo o *Volume 2 de O Princípio Esperança* (BLOCH, 2006a).

Criticando o real (passado e presente), Marx foi capaz de identificar o movimento de mudança que constitui o existente<sup>4</sup>. Sua crítica à sociedade moderna é alicerçada no movimento político da classe operária. Para lembrar formulação clássica de Karl Korsch: “o marxismo é expressão teórica do proletariado revolucionário” (KORSCH, 1977). As formas de luta, organização, autoatividade desta classe, as contradições imanentes do próprio modo de produção capitalista apontam para tendências que são identificáveis pelo pensamento<sup>5</sup>. O pensamento que só consegue identificar o que já se passou ou que, precariamente, percebe o já dado, o existente (ou seja, a própria sociedade burguesa) é falho em apreender o real como totalidade. Existe um dado do real que Bloch identifica pelo neologismo ainda-não. Ou seja, o que ainda-não-veio a ser no mundo, mas existe nele como tendência, é também constituinte do próprio real. Este é o aspecto revolucionário do pensamento de Marx (e do marxismo subsequente) que Bloch irá denominar de utopia concreta<sup>6</sup>.

Assim, a utopia concreta é a apreensão pelo pensamento dos processos de mudança da realidade que ainda-não se realizaram materialmente, mas que são uma tendência, um alvo para o qual a dinâmica da realidade tende. Ser tendencial não quer dizer, absolutamente, que é algo inevitável. Por ser tendência, pode haver contratendências, ou seja, forças sociais que direcionam as coisas para outro rumo. Em uma palavra, luta de classes. Ou seja, a história é aberta. O real-existente é prenhe de possibilidades, de tendências, de um real-possível. No horizonte desta tendência está a constituição de uma nova sociedade radicalmente distinta da existente. Marx chamou-a de comunismo, autogoverno dos produtores etc. A utopia concreta é,

---

4 Viana (2018) irá denominar esta característica, qual seja, de perceber no presente elementos que apontam para o novo, de “caráter extemporâneo do marxismo”.

5 Não é possível desenvolver nenhuma discussão sobre a relação entre movimento político da classe trabalhadora, tentativas de revoluções proletárias e como isto antecipa elementos organizativos e processos da nova sociedade. Para tanto, cf. Marx (2011), Pannekoek (1977), Korsch (1977), Mattick (1977), GIKH (1976), Guerratana et al (1972), ICC (1978), Bricianer (1976) etc. Para uma reflexão mais ampla sobre autogestão, teoria da autogestão e sua relação com a luta da classe trabalhadora, cf. Guillerm e Bourdet (1976), Tragtenberg (1986), Arvon (1982), Maia (2018), Viana (2020) entre vários outros.

6 Em Maia (2011), é demonstrado como o livro *Os Conselhos Operários* (PANNEKOEK, 1977), do marxista Anton Pannekoek, expressa cristalina a teoria da utopia concreta de Bloch.

portanto, aquele pensamento que apreende esta dinâmica da realidade, que identifica seu movimento, as forças e classes sociais em luta, as contradições existentes e dentro disto percebe o movimento de tendência para o qual a realidade pode (como possibilidade) se direcionar.

E no seu já citado *O Princípio Esperança*, bem como outras obras, Bloch buscará na psicanálise alguns elementos para fundamentar, dar uma base pulsional (humana) para a tendência ao novo, à revolução, à transformação social e também ao pensamento que apreende este processo. Ou seja, sua ética da transformação, segundo terminologia de Albornoz (2006), que funda sua ideia de utopia concreta, é amplamente fundamentada em algumas conquistas da Psicanálise.

Bloch assimila importantes conceitos deste campo do saber para desenvolver sua teoria da utopia. Contudo, ele não faz isto como mero copista. Ao assimilar os conceitos de inconsciente, pulsão, fantasia, sublimação, teoria dos sonhos etc., ele o faz de modo crítico e criativo. Crítico por que ressignifica vários conceitos, criativo por que é constrangido a criar outros conceitos, como ainda-não-consciente, ainda-não-existente, possibilidade, função utópica, afetos plenificados, afetos expectantes, sonhos diurno e noturno, *front*, *novum*, futuro autêntico e futuro inautêntico etc.

Não temos a intenção de apresentá-los aqui, mas é conveniente ao menos demonstrar uma implicação desta tese, ou seja, a de que o existente abre-se, para adiante, a um ainda-não-existente. Por exemplo, no processo de elaboração do conhecimento, o saber que no máximo consegue descrever o já passado e o presente é limitado, pois exclui de seu campo de visão um importante constituinte do real. O conhecimento que não explora as fronteiras da história para o adiante assume uma forma naturalizante do existente. A ciência que se basta na descrição do empírico é prova disto, pois lida com “fatos” e não com “processos”. E mais ainda, é incapaz de perceber no existente a tendência ao ainda-não-existente<sup>7</sup>. Isto também vale para a

---

7 Conferir a este respeito a discussão que Bloch realiza sobre as formas em que a verdade é apresentada: empírica, propagandística, mística etc. e como estas são antagônicas à verdade dialética, pois exatamente: “(...) o sentido muda totalmente quando, em vez de entregar-se a diversas idolatrias ou à adoração de um algo absoluto existente (chame-se a isto fato, matéria mecânica ou hipóstase divina), a esperança busca à história a sua verdade como seu mais poderoso “conhece-te a ti mesmo”

literatura, pois para Bloch: “(...) a grande literatura traz à consciência do mundo uma corrente dinamizada de ação, uma intuição concreta e esclarecida do essencial; é neste sentido que o mundo quer ser transformado (BLOCH, 1978, p. 70).

O saber que é incapaz de perceber a novidade no mundo, como o empirismo que caracteriza o conhecimento científico, a obra de arte que se alimenta de remoer o passado e as dores do trabalho de parto sem conseguir entender que daí sai uma nova vida, são limitadas em si mesmas. As obras utópicas (abstratas e concretas) são exatamente aquelas que colocam em seu horizonte o-que-ainda-estar-por-vir. Contudo, este ainda-não é algo realmente existente e não uma mera apreensão subjetiva. O que diferencia radicalmente a utopia abstrata da utopia concreta é que a primeira ainda é demasiado ingênua ou imatura em sua apreensão do ainda-não-existente, ao passo que a segunda é fundada na latência do presente, por mais obscuro que seja o “instante vivido”. Ela apreende a tendência de modo muito mais claro, por isto se torna aquilo que Bloch denomina de *docta spes*, ou seja, uma esperança esclarecida, conhecida e conhecedora de si e do processo da realidade.

A obra de Marx, como já apontamos, é uma utopia desta qualidade. O elemento utópico (mas não utopista) de Marx é recorrentemente citado por Bloch como sendo a melhor expressão disto, como utopia concreta. A utopia, nesta perspectiva, é algo que brota do indivíduo, mas é do indivíduo até o ponto em que esta expressa a própria dinâmica de transformação que está latente na realidade, na sociedade. A utopia (concreta) antecipa a revolução. A revolução é uma tendência/latência da época moderna. É esta conjunção entre os elementos utópicos do pensamento de Marx e da revolução proletária como possibilidade concreta, que Bloch analisa em vários momentos de sua obra. Apesar de Bloch não analisar o marxismo posterior, não se dedicar ao estudo concreto do desenvolvimento do modo de produção capitalista (suas contradições, mutações, tendências etc.) e nem muito menos, por mais contraditório que seja, analisar as revoluções proletárias à luz

---

(...). Como a verdade em devir, no ainda-não-existente e que talvez nunca chegará jamais a existir, do genuíno e absoluto, como a totalidade utópica da meta (BLOCH, 1983a, p. 475/476).

de sua teoria da utopia (exceção talvez seja feita à revolução russa), esta sua tese é uma grande contribuição ao marxismo e à luta da classe trabalhadora.

Impossível, nos limites de um texto como este, esgotar mesmo que caricaturalmente a obra de Bloch. A discussão aqui entabulada teve a intenção de realizar uma primeira aproximação, precária, à sua teoria, enfocando os conceitos de utopia abstrata e concreta. Isto aqui também não é um resumo, mas somente um preâmbulo ao pensamento deste autor, que é, de qualquer forma, dada sua amplitude, complexidade, erudição, imbricamento de várias áreas do conhecimento etc. alérgico ao resumo, à resenha, à síntese definitiva. Estas palavras servem mais como pontapé, ponto de partida, como primeira aproximação ao pensamento deste grande pensador, apesar de tudo, ainda pouco conhecido no Brasil.

## Referências

ALBORNOZ, Suzana Guerra. *Ética e utopia: ensaio sobre Ernst Bloch*. Santa Cruz do Sul/RS: Edunisc, 2006.

ARVON, Henri. *La autogestión*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1982.

BICCA, Luiz. *Marxismo e liberdade*. São Paulo: Loyola, 1987.

BICCA, Luiz. *Racionalidade moderna e subjetividade*. São Paulo: Loyola, 1997.

BLOCH, Ernst & EISLER, Hanns. *A arte e sua herança*. In: BARRENTO, João. Realismo, materialismo, utopia: uma polêmica 1935/1940. Lisboa: Moraes Editores, 1978.

BLOCH, Ernst. *Sujeto-objeto – El pensamiento de Hegel*. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1983a.

BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. V. 1. Rio de Janeiro: Contraponto/EdUERJ, 2005.

BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. V. 2. Rio de Janeiro: Contraponto/EdUERJ, 2006a.

BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. V. 3. Rio de Janeiro: Contraponto/EdUERJ, 2006b.

BLOCH, Ernst. *Entremundos en la historia de la filosofía*. Madrid: Taurus, 1984.

BRICIANER, Serge. *Anton Pannekoek y los consejos obreros*. Madrid: Editorial Anagrama, 1976.

G.I.K.H. *Princípios fundamentais da produccion e distribuiccions comunista*. Madrid: Zyx, 1976.

GUERRATANA, Valentino et. al. *Consejos obreros*. Córdoba: PyP, 1972.

GUILERM, Alain & BOURDET, Yvon. *Autogestão: uma mudança radical*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

INTERNACIONAL CONCIL CORRESPONDENCE (ICC). *Os conselhos operários e a organização comunista da economia*. In: KORSCH, Karl et. al. *A contra-revolução burocrática*. Coimbra: Centelha, 1978.

KORSCH, Karl. *Marxismo e filosofia*. Porto: Afontamento, 1977.

MAIA, Lucas. *Os conselhos operários de Anton Pannekoek: uma utopia concreta da revolução proletária*. In: BRAGA, Lisandro e VIANA, Nildo (orgs.). *A questão da organização em Anton Pannekoek*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.

MAIA, Lucas. *Comunismo de conselhos e autogestão social*. Rio de Janeiro: Rizoma, 2018.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *O manifesto do partido comunista*. Porto Alegre: L&M, 2002.

MARX, Karl. *A guerra civil na França*. In: VIANA, Nildo. *Escritos revolucionários sobre a Comuna de Paris*. Rio de Janeiro: Rizoma, 2011.

MATTICK, Paul. *Integração capitalista e ruptura operária*. Porto: Regra do Jogo, 1977.

PANNEKOEK, Anton. *Los Consejos Obreros*. Madrid: Zero, 1977.

PETITFILS, Jean-Christian. *Os socialismos utópicos*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

TRAGTENBERG, Maurício. *Reflexões Sobre o Socialismo*. São Paulo: Moderna, 1986.

VIANA, Nildo. *O modo de pensar burguês*. Curitiba: CRV, 2018.

VIANA, Nildo (org.). *O marxismo autogestionários*. Goiânia: Edições Redelp, 2020.